

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO – PUC/RJ
CCE - Coordenação Central de Extensão
Campus Barra da Tijuca
Mídia, Tecnologias da Informação e Novas Práticas Educacionais
Profas. Ilana Eleá e Rita Leal
Discente: Ana Paula Pereira Marques de Carvalho
e-mail: app_marques@yahoo.com.br
Resumo 02 - abr/2008.1
RESENHA CRÍTICA¹

FERGUSON, Robert. **Media Education e o desenvolvimento de uma pedagogia apropriada**. Colabora, Curitiba, v.1,n.3-p.3-16, fevereiro 2002.

O texto em questão faz uma abordagem sobre caminhos possíveis para a implantação de uma pedagogia apropriada àqueles professores que estão envolvidos ou pretendem estar envolvidos com educação para as mídias. O cenário de estudo de Ferguson foi a Argentina, mas o autor deixa claro que os interessados devem procurar adaptar as considerações à realidade de seus próprios contextos.

Ferguson inicia suas considerações com uma análise sobre os conceitos propostos pelo British Film Institute (BFI) no Reino Unido e, em seguida, expande essa análise, introduzindo mais seis aspectos que considera relevantes para o debate da mídia-educação.

O primeiro ponto de destaque em suas considerações é a ênfase de que a mídia-educação é uma atividade transcurricular comprometida com a educação “na” e “para” a democracia. É uma abordagem da educação que deve estar presente em assuntos variados do conteúdo programático das disciplinas.

Lembrando as concepções da mídia-educação apresentadas por Mônica Fantin, podemos dizer que, na Grã-Bretanha, a relação da mídia-educação com a pedagogia teve um início calcado na concepção inoculatória²: as mensagens midiáticas eram consideradas fúteis e nocivas ao aprendizado. Em função dos avanços tecnológicos e das transformações advindas do mundo contemporâneo, os discursos educacionais no Reino Unido tomaram um rumo diferente. Os educadores passaram a ter uma visão extremamente otimista da mídia educação e a conceber o jovem como um crítico consciente do cenário da mídia. Entretanto, na opinião de Ferguson, a postura do educador frente às questões intrínsecas ao conceito de mídia-educação ainda está muito aquém do desejado. A abordagem de uma educação para as mídias requer uma análise mais profunda, com a participação ativa de todos os envolvidos e o desenvolvimento de uma série de habilidades analíticas e descritivas que viabilizem um debate amplo sobre questões curriculares.

No contexto que se faz necessário para iniciar o processo de discussão mais eloquente sobre mídia-educação, Ferguson destaca os seis aspectos desenvolvidos pelo BFI:

¹ O texto se configura como parte da segunda atividade proposta aos alunos do curso de extensão em **Mídia, Educação e Novas Práticas Educacionais**, turma 2008.1 – Barra da Tijuca.

² Fantin, 2006, p.42.

Agências

Os estudantes devem pensar nas pessoas que estão falando através de uma matéria jornalística ou editorial. Devem pensar também nos propósitos e finalidades das mensagens que estão sendo transmitidas. O autor exemplifica a produção de jornais na escola como um caminho para o aluno passar a adquirir o hábito de ser um produtor de mensagens ao invés de somente recebê-las.

Categorias das Mídias

Agrupar mensagens midiáticas. Por exemplo, dentro das demandas da comunicação, temos: os editoriais, matérias, seções financeiras, política mundial, nacional, regional, etc. Há também inter-categorização (revistas que servem a um determinado campo de interesse: pesca, eletrônica, moda, culinária, etc). O autor sugere, para o completo envolvimento dos estudantes, que eles produzam as mensagens dentro das categorias específicas para, então, refletirem sobre essa categorização.

Tecnologias

O mídia-educador e seus alunos precisam investigar os tipos de tecnologia disponíveis. Precisam estar aptos ao uso desses recursos para produzirem suas próprias mensagens midiáticas (pensar sempre que esse é um caminho para o pensamento e investigação. Não é um treinamento em uma determinada mídia para um emprego).

Linguagens das mídias

Considerar as formas de produção e procedimentos dominantes do momento (por exemplo, pensar nos motivos pelos quais certas escolhas em relação a *lay-out* fazem mais sucesso em determinadas épocas e em outras não) – “**formas pelas quais mídias específicas produzem significados específicos**”. Sob esse aspecto, são necessárias habilidades analíticas e um grau de teorização que devem ser permanentemente trabalhados na atividade educativa diária.

Audiências

O público está em constante transformação. Não é um receptor passivo. Além disso, uma pessoa pode fazer parte de várias audiências. As diferenças entre essas audiências podem variar de acordo com aspectos sociais, gosto pessoal, etc. Uma das questões importantes nesse aspecto e que não é muito explorada diz respeito à análise da influência de cada mídia sobre pessoas ou grupos.

Representações

Re-presentação: mídia como mediadora da realidade. As representações estão ligadas à linguagem e se referem às idéias que nos são transmitidas como verdades. Podem ser construídas pela mídia ou individualmente. O mídia-educador precisa identificar e estudar as representações para entender quais os interesses concernentes àquelas verdades transvestidas.

Além dos aspectos do BFI, Ferguson apresenta seis outros aspectos, os quais chama de conceitos, sobre mídia-educação, como complemento àqueles pontuados anteriormente. Segundo ele, esses conceitos são interdependentes e devem permear a prática do mídia-educador. O ponto de partida é a experiência e a vivência das crianças. A linha de chegada (há chegada?): permitir que os alunos ampliem seus conhecimentos e sua compreensão de mundo.

Prazer

Esse conceito envolve a exploração de coisas das quais gostamos que já é uma atividade prazerosa por si só. Entretanto, há outras *nuanças* do prazer a serem problematizadas: por que determinadas escolhas dão mais prazer do que outras?; a manutenção de um determinado prazer está servindo aos interesses de um grupo no poder?; o prazer é inato ou se é socialmente construído? Essas questões, segundo Ferguson devem ser pensadas constantemente na prática educativa.

Poder

Fato inegável: as mídias exercem poder. A questão é qual a natureza desse poder.

1) Poder de definir a agenda (agenda setting): manutenção do *status quo*; 2) poder de definir o que será re-presentado e como serão representados; 3) poder da representação da normalidade: as mídias podem sugerir o que é normal e aceitável e o que não se coaduna com as normas sociais (representação da normalidade).

Discurso

É a construção de uma representação. Importante considerar quais os interesses norteadores dessa construção.

Os discursos podem estar implícitos ou explícitos. O mídia-educador precisa trabalhar o desenvolvimento de habilidades para identificar a operação dos discursos das mídias, implícitos ou explícitos.

Política

O que interessa para o mídia-educador em termos de política é a análise da representação na mídia das relações de autoridade e poder.

Identidade

Pensar na representação dos indivíduos e grupos que a mídia apresenta: “quem somos nós”, “quem são eles”, “quem sou eu”.

Democracia

A democracia deve alimentar a prática do mídia-educador. “A questão da democracia tem que ser discutida e analisada pelo ângulo de quem possui e de quem comanda as mídias e também pelo ângulo de quem é nelas representado. Democracia não pode ser mera declaração de crença. Deve estar presente no modo como o professor ensina e que tipo de análise ele encoraja.

Pedagogia

Ferguson não aponta um manual do “como fazer”. Os aspectos do BFI e os conceitos por ele propostos devem permear o trabalho do professor a fim de produzir material

relevante para análise dos recursos midiáticos. Na realidade, com o tempo, os próprios alunos devem desenvolver suas habilidades analíticas para explorarem o mundo em que vivem e entenderem as representações veiculadas nas mídias.